

editorial

É com grande satisfação que apresentamos a vigésima primeira edição da *Cadernos de Campo*, revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Fruto do esforço coletivo de mestrandos e doutorandos que compõem a comissão editorial, a revista sai do forno após um ano de intenso trabalho. Estamos muito felizes com o resultado final dessa jornada e acreditamos termos sido capazes de manter o padrão de qualidade da revista, referência na área desde o início de suas atividades, em 1991.

Na presente edição, demos continuidade ao trabalho de automação do processo editorial via OJS (Open Journal Systems) que já se encontra em pleno funcionamento em nosso novo portal (<http://revistas.usp.br/cadernosdecampo>). Para tanto, no decorrer de 2012, entramos em contato com o SIBI-USP (Sistema Integrado de Bibliotecas da USP) e acompanhamos a implementação do novo portal de revistas da Universidade de São Paulo (<http://revistas.usp.br>). Projeto ambicioso que prevê a reunião em um só lugar de todas as publicações acadêmicas da universidade, vem facilitando imensamente o acesso aos periódicos e melhorando, conseqüentemente, sua divulgação.

Com a utilização do OJS em um novo e otimizado portal, a partir do próximo ano a *Cadernos de Campo* abrirá mão de contribuições impressas, passando a recebê-las através de seu site. Neste local, o usuário também pode acompanhar todo o processo de avaliação do seu trabalho, o que proporciona maior segurança e

elimina o uso desnecessário de papéis, em estrita conformidade com a atual tendência mundial de conscientização ambiental e dentro dos rigores de avaliação solicitados pelo sistema Qualis da CAPES.

A seção *Especial* deste número celebra mais um capítulo do promissor convênio acadêmico entre o Departamento de Antropologia da USP e o Departamento de Antropologia Social e Cultural da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Iniciado no final de 2006, este convênio tem promovido, ao longo dos últimos anos, o intercâmbio de professores e de alunos – graduandos e pós-graduandos – entre os dois departamentos. Em outubro de 2011, realizou-se a 2ª Jornada UAB-USP, na qual doutorandos de ambos os centros apresentaram comunicações referentes aos seus projetos de pesquisa. A *Cadernos de Campo* traz, neste número, as versões das comunicações apresentadas pelos doutorandos da UAB, enquanto a *Revista Periferia*, da universidade catalã, publicará os trabalhos dos doutorandos da USP. Os quatro artigos aqui publicados compõem uma amostra da diversidade e riqueza das pesquisas empreendidas pelos pós-graduandos da UAB: “Del Pacífico al Mediterráneo: coincidencias y diferencias - desde la antropología - en la concepción del patrimonio cultural”, de Adriana Arista Zerga; “La construcción de la persona inmigrante en el limbo jurídico: ni expulsables ni regularizables en España”, de Adriana Jarrín Morán; “Materialidad y subjetividad del trabajo: apuntes preliminares sobre los call centers

en Chile”, de Areli Escobar Salazar; e, por fim, “A ritmo de bombeo: teoría y métodos para el estudio antropológico en un espacio de venopunción asistida de Barcelona”, assinado por Rafa Clua.

A entrevista desta edição, com Marilyn Strathern, traz à baila mais um passo dentro do *zeitgeist* que tem reanimado a Antropologia nos trópicos, cuja imagem fundante é a de um contínuo segmentado em pequenas diferenças. Analogias que ora conectam províncias etnográficas, Melanésia e Amazônia, ora papuanos e a jurisprudência anglo-saxã, não lançam na penumbra a invenção da diferença, mas a pensam como aquilo que vincula tudo isso. A entrevista é uma das referências principais da disciplina na atualidade e alarga o sentido dos conceitos que descrevem o modo como refletimos.

Na seção *Traduções*, apresentamos duas. A primeira é a do texto de Anne-Christine Taylor sobre as noções de personitude, socialidade e mortalidade na experiência e representação do *self* entre os Achuar, originalmente intitulada “The soul’s body and its states: an Amazonian perspective on the nature of being human” e realizada com maestria por Eduardo Soares e Roberta Cerri. A segunda é o excelente trabalho feito por Claudia Fiorettina Bongianino e Denise Ferreira da Costa, uma tradução do texto de Igor Kopytoff a respeito do culto aos ancestrais entre os Suku, cujo título original é “Ancestors as elders in Africa”.

Em *Artigos e ensaios*, mais uma vez selecionamos dez, provenientes de diversas instituições do Brasil e do exterior e com diferentes abordagens temáticas. Abrindo a seção, temos o artigo de José Francisco Carminatti Wenceslau e André Strauss, intitulado “O tabu do incesto e a bioantropologia”, no qual os autores retomam um dos temas clássicos do debate antropológico a partir de reflexões oriundas de diversos campos de estudo, estabelecendo uma

interface de comunicação entre ciências sociais e ciências ditas “duras”.

Em “Guías de campo y registro etnográfico: una revisión del abordaje de los niños y niñas desde la *Guía para la clasificación de los datos culturales*”, Noelia Enriz empreende uma revisão crítica do guia para pesquisa de campo de George Murdock a partir de um olhar sobre o lugar das crianças nas investigações antropológicas. A autora percorre as classificações e focos de interesse etnográfico apresentados no texto de Murdock e finaliza sua reflexão com os aportes que novas perspectivas da antropologia da infância trazem à discussão.

No artigo de Rafael da Silva Noletto (“O que é que uma diva tem?: cantoras brasileiras, vozes, corpos e poderes vistos por entendidos”), elaborado a partir de uma etnografia realizada em Belém, objetiva-se compreender noções de poder evocadas por homens homossexuais para designar cantoras famosas da MPB como Gal Costa e Maria Bethânia. Empreendendo uma discussão baseada em entrevistas, o autor desenvolve uma análise em que articula os “poderes”, “perigos”, “centralidades” e “periferias” no corpo dessas mulheres.

Em “A dor em movimento: corpo e envelhecimento nas academias de ginástica”, Aline Alcarde Balestra investiga o ambiente das academias de ginástica e os sentidos da saúde, da beleza e do bem-estar. Em interlocução com mulheres acima de 40 anos, a autora analisa o lugar da dor na produção de seus corpos e na construção de uma experiência específica de envelhecimento.

Ainda no campo da saúde, María Alejandra Esponda oferece no artigo “Trabajo y salud en los años de la reestructuración productiva. El caso de los trabajadores de la ex Propulsora Siderúrgica, Ensenada, Buenos Aires” apontamentos críticos sobre trabalho e corpo, dois temas centrais para as ciências sociais e para a

antropologia. Através desses dois eixos, a autora apresenta uma análise sobre estados de saúde e doença, remetendo-os não somente ao contexto das relações laborais, mas também ao cenário econômico argentino e internacional.

Com “Los rastros de una búsqueda: un archivo documental en Abuelas de Plaza de Mayo”, Sabina Regueiro apresenta uma reflexão sobre a ditadura militar na Argentina e seus desdobramentos. No artigo, a autora atenta para as contribuições que a abordagem interdisciplinar entre antropologia e história oferece para pesquisas que pretendem dar conta de arquivos produzidos em regimes ditatoriais, tema de especial relevância no atual contexto de instituição da Comissão da Verdade no Brasil, em maio de 2012.

No artigo “Política em Família: relações de parentesco e facções políticas em um município da Zona da Mata de Minas Gerais”, a tradição da antropologia política que trata as relações entre família e política é retomada por Luciano Senna. Mais especificamente, o autor nos mostra a importância de se acompanhar o voto do chefe de família e as maneiras pelas quais as fronteiras familiares são atualizadas durante as disputas eleitorais.

O artigo de André Dumans Guedes, intitulado “Abrir no Mundo, Rasgando o Trecho: Mobilidade Popular, Família e Grandes Projetos de Desenvolvimento”, articula uma discussão em torno do termo *trecho*, pontuando os usos e sentidos deste na vida de pessoas que *rodam o trecho*. Ao lançar mão de determinadas experiências nativas por um viés particular de mobilidade, que reconhece os aspectos sociológicos e cosmológicos do grupo, o autor sugere que a proliferação de grandes projetos de desenvolvimento trazem consigo uma tradicional “cultura da andança” sertaneja.

Inspirado no trabalho de Roy Wagner, o artigo de João Jackson Bezerra Vianna (“Eu, na-

tivo, nós, *Ialanawinai*: reflexões baniwa sobre a alteridade branca”) procura explorar, a partir das questões que os Baniwa do Alto Rio Negro lhe dirigiram durante seu trabalho de campo, os sentidos de uma antropologia reversa baniwa.

Finalmente, em “De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir”, Giancarlo Marques Carraro Machado, num diálogo com a Antropologia da Cidade, busca pensar formas de sociabilidade na cidade de São Paulo a partir do *street skate*, uma das práticas esportivas que mais adquiriu visibilidade nos últimos tempos. Por meio de debates acerca da tentativa do poder público de disciplinar a prática feita nas ruas, o autor busca apontar as disputas pelos usos e apropriações dos equipamentos urbanos que revelam, sobretudo, dissonâncias com respeito às noções de *cidadania* e *inclusão social*.

A seção *Artes da vida* passou por um processo de reestruturação com vistas a estabelecer parâmetros acadêmicos de avaliação para produção não-literária. Nesse sentido, implementamos uma curadoria *ad hoc* que, a cada edição, será realizada por alguém versado nas artes da imagem e da antropologia. Nos últimos anos, tem sido crescente a ênfase e busca de formas alternativas de apresentação do material etnográfico. No ensaio publicado nesta edição, Pedro Stoeckli Pires apresenta imagens etnográficas evocadas por um encontro de jurumeiros na Mata do Catucá. Nas palavras de Sylvia Caiuby Novaes, curadora convidada para nos ajudar nesta edição, “o ensaio evidencia a busca de uma etnografia que alia texto e imagem para a compreensão de um fenômeno cultural”.

Dando continuidade à diversidade de temas da revista, trazemos aos leitores quatro resenhas de distintas áreas da antropologia social. A seção começa com a resenha do livro *Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*, de Fábio Lopes Alves, seguida pela resenha de *O sonho dogon*:

nas origens da etnologia francesa, de Fernando Giobellina Brumana, e de *Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica*, de Michel Fischer, terminando com a resenha do clássico livro de Roy Wagner, *A invenção da Cultura*. São trabalhos que nos permitem partir do campo dos marcadores sociais da diferença, viajar com os primeiros etnógrafos da escola de sociologia francesa rumo ao território dogon, discutir abordagens conceituais contemporâneas na antropologia e visitar um dos mais bem conceituados trabalhos da etnologia.

Fechando a edição, a seção *Informes* apresenta três núcleos de pesquisa: o *GRAVI – Grupo de Antropologia Visual*, em atividade na USP desde 1995, o *NUMAS – Núcleo de Estudos Sobre Marcadores Sociais da Diferença*, inaugurado na mesma universidade em 2007, e, finalmente, o

Grupo Nós-Mulheres, iniciativa recente de um grupo de pesquisadores radicados em Belém.

A *Cadernos de Campo* agradece aos autores que submeteram seus artigos, ensaios traduções e resenhas, publicados ou não nesta edição. Agradecemos também aos professores Márcio Silva e Wilson Trajano Filho pelas apresentações, aos pareceristas ad hoc que gentilmente cederam seu tempo para colaborar com este número, aos professores e funcionários do Departamento de Antropologia e, mais especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo pelo financiamento. Aos leitores da revista, sem os quais nossa razão de existir estaria fadada ao desaparecimento, nosso profundo obrigado. Mais uma vez, desejamos a todos uma excelente leitura!